

A MARINHA DA AMAZÔNIA OCIDENTAL

RAIMUNDO LENILTON DE ARAÚJO
Capitão-Tenente (AA)

SUMÁRIO

A Marinha do Brasil na Amazônia Ocidental do presente
Manaus: ponto de partida para a ampliação da presença da Marinha
Longe de Manaus: perto da Marinha
Marinha é destaque nas operações da Amazônia
Apoio ao pessoal da Marinha na Amazônia Ocidental

A região amazônica se intensificou como assunto corrente na mídia nacional, nos últimos anos, em decorrência de questionamentos feitos por diferentes instâncias da Justiça acerca de assuntos que a envolvam, ou mesmo por todos aqueles que emitem opinião do senso comum, defendendo posições individuais acerca das questões coletivas.

Há vários temas recorrentes na mídia e nos Centros de Estudos Estratégicos de instituições acadêmicas do Brasil que colocam a região no centro das discussões. São cotidianos, em alguns órgãos da im-

prensa, temas como demarcação de terras indígenas, a exemplo da discussão Raposa Serra do Sol (em Roraima), presença de estrangeiros disfarçados em organizações não-governamentais (ONG), ou tráfico de drogas que entram no Brasil nas fronteiras da Colômbia, Peru e Bolívia.

E outros temas econômicos também são manifestados, como o financiamento energético para os grandes centros (hidrelétricas do Rio Madeira) ou o transporte de produtos pela região, colocando o foco na revitalização de terminais portuários e construção de hidrovias.

Nessa verdadeira mistura de temas, a cultura dos marinheiros da Amazônia Azul, que ainda não tiveram a oportunidade de conhecer as cidades da Amazônia Verde, também é influenciada pelo senso comum e, muitas vezes, tem a região do norte do Brasil como terra de pessoas exóticas que vivem em conflito por terras. Contudo, nossos militares, por vezes, acalentam a vontade de serem movimentados para Manaus ou Belém, contando com um bom retorno financeiro, esperando um resultado produtivo da terra dos fartos rios enchidos pelas cuias de Kananciuê.

É comum o homem do mar ir para a Amazônia sem saber o que é a Marinha do Brasil, o que ela faz e como está estruturada nessa região. Digo-lhes, pois, que há também uma bela Marinha do Brasil na Amazônia.

Falo especificamente da Amazônia Ocidental, também um dos conceitos desconhecidos para muitos daqueles que se situam abaixo da latitude 10°S (Guajará-Mirim – RO) e a leste da longitude 056°44' W (Parintins – AM), e que, no organograma da Marinha do Brasil, engloba os estados do Acre, Amazonas, Rondônia e Roraima, sob a tutela do Comando do 9º Distrito Naval, o mais recente, ainda com três anos nesse *status*, porém o mais extenso em área territorial.

É exatamente por ser o mais recente que também passa por mudanças em todas as suas Organizações Militares subordinadas, que visam sedimentar a presença do Poder Naval na região e oferecer uma estrutura adequada de trabalho e moradia para os militares e seus dependentes.

A MARINHA DO BRASIL NA AMAZÔNIA OCIDENTAL DO PRESENTE

A Marinha do Brasil na Amazônia Ocidental está representada pelo Comando do

9º Distrito Naval. Apesar de se ter o conhecimento de meios navais na Amazônia desde 1728, e que a Guerra do Paraguai fomentou a criação da Flotilha do Amazonas há 140 anos, cuja sede passou por alternâncias entre Manaus e Belém, e, ainda, a criação da Capitania dos Portos do Amazonas, há 136 anos, fato é que a intensificação da presença da Marinha na Amazônia Ocidental data da segunda metade do século XX. E hoje a Marinha trabalha para que essa presença ganhe maior porte.

Incluindo todas as organizações sediadas na Amazônia Ocidental, a Marinha do Brasil tem hoje 23 Organizações Militares (OM) na região, com cerca de 2.400 militares. Em Manaus, a cidade mais importante da Amazônia Ocidental, com uma população estimada em 1,8 milhão de habitantes, está a maior parte da Marinha local. É a cidade que oferece a estrutura mais apropriada para que os meios navais, aeronavais e de fuzileiros navais possam atender satisfatoriamente às suas demandas de emprego.

MANAUS: PONTO DE PARTIDA PARA A AMPLIAÇÃO DA PRESENÇA DA MARINHA

O 9º Distrito Naval representa a Marinha em 25,7% do território brasileiro, cobrindo 2.194.599 km², com uma população de 5.726.804 habitantes (estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, em 1º de abril de 2007), distribuída em 151 municípios, em uma região onde o Brasil faz fronteira com Bolívia, Colômbia, Peru, República da Guiana e Venezuela.

Na capital do estado do Amazonas estão o Comando do 9º Distrito Naval, o Comando da Flotilha do Amazonas (ComFlotAm), a Capitania Fluvial da Amazônia Ocidental (CFAOC), o Batalhão de Operações Ribeirinhas, a Estação Naval do

Rio Negro (ENRN), o Depósito Naval de Manaus e o 3º Esquadrão de Helicópteros de Emprego Geral, cada um com suas especificidades e suas características intrínsecas. Também estão sediados em Manaus os oito navios subordinados ao Comando da Flotilha do Amazonas, aos quais voltaremos mais tarde.

O Comando da Flotilha do Amazonas é a representação da força pronta da Marinha na região. Seu lado operativo tem sido ampliado por meio de exercícios de porto e durante o trânsito das patrulhas fluviais. Os exercícios operativos feitos com os colombianos e peruanos no mês de julho de 2008 e as ações coordenadas com o Exército Brasileiro e com a Força Aérea Brasileira renderam novas experiências às tripulações dos navios participantes.

A Capitania Fluvial da Amazônia Ocidental, com mais de 26 mil embarcações registradas, se prepara para ganhar uma nova sede. Está chegando à reta final a construção de um novo prédio, com espaço apropriado, desapertando a CFAOC do local onde ela funciona há 56 anos.

O Batalhão de Operações Ribeirinhas ativou, em 5 de novembro último, com a presença do comandante da Marinha, a sua 3ª Companhia de Fuzileiros Navais e já é o maior Batalhão de Fuzileiros Navais do Brasil. Para isso, a OM já modificou instalações, como os alojamentos destinados ao recomplementamento de pessoal, construiu espaços de treinamento, como o novo tanque tático, e ampliou a sua segurança orgânica com a construção de mais de mil metros de muro na delimitação de seu terreno.

A Estação Naval do Rio Negro, base de apoio para os oito navios da Flotilha do Amazonas, ampliou seu cais flutuante para 180 metros, aumentando em 110 metros a atual capacidade de atracação dos meios. A ampliação se deu pelo recebimento de dois flutuantes, um de 45 metros e outro de

65 metros, cedidos pela empresa Transportes Petrobras – Transpetro, se revertendo em uma economia superior a 8 milhões de reais para os cofres da Marinha do Brasil, caso construísse uma instalação desse porte. Além disso, a ENRN reduziu a zero a sua conta de água, por meio da reativação de poços artesianos, para abastecer os navios do ComFlotAm, resultando em uma economia superior a 1 milhão de reais ao ano.

O Depósito Naval realizou, em 2007, mais de cem processos licitatórios, dobrando a quantidade em relação ao ano anterior, mostrando o seu alto índice administrativo. Para sua guarnição, acaba de inaugurar novos alojamentos construídos em área adjacente à sua administração principal e realocou espaços para novas funções da OM.

O Esquadrão de Helicópteros da Amazônia, que cobre toda a Região Norte, apoiando também o Comando do 4º Distrito Naval (Belém), está operando com suas seis aeronaves, demonstrando seu elevado nível de manutenção operativa, não tendo havido solução de continuidade nas ações de seus meios. No primeiro semestre de 2008, já foram construídos novos alojamentos para a tripulação daquela OM e reformada a praça-d'armas. Porém, a mais importante obra realizada foi a construção do novo hangarete, com capacidade para duas aeronaves, ampliando o espaço de acomodação dos helicópteros, que dispunham de um hangar apenas para proteger os seis meios aéreos do Esquadrão Tucano.

LONGE DE MANAUS: PERTO DA MARINHA

Fora da sede de Manaus, a Marinha do Brasil também está presente na Amazônia Ocidental, por meio das Organizações Militares do Sistema de Segurança do Tráfego

go Aquaviário (SSTA), que cobrem os mais de 21 mil km de vias navegáveis dos rios amazônicos, onde trafegam cerca de 2,8 milhões de passageiros/mês.

Em Tabatinga, a Capitania Fluvial diretamente subordinada ao Comando do 9º Distrito Naval já recebeu o seu flutuante para as embarcações que atuam na área brasileira, junto à tríplice fronteira com a Colômbia e o Peru. Também foi reativado o Destacamento de Fuzileiros Navais, com 36 militares, substituídos a cada 45 dias, que dão segurança às inspeções navais realizadas pela Capitania Fluvial de Tabatinga (CFT). Para adestramento desses militares, foi criado um circuito formado por uma pista de aparelhos, que possibilita a manutenção da higidez física dos fuzileiros navais ausentes de seu Batalhão. Foi também duplicada a capacidade de abastecimento de aguada para os navios da Marinha que transitam naquela cidade. Ainda este ano, a Capitania Fluvial de Tabatinga inaugurará um Espaço Cultural em suas dependências, que ajudará a difundir a mentalidade marítima na população local. Encontra-se também em construção, na Vila Naval de Tabatinga, com previsão de prontificação até março de 2009, um prédio que abrigará 18 apartamentos e sanará o déficit de Próprios Nacionais Residências (PNR) da Marinha do Brasil naquela cidade.

As Organizações Militares subordinadas à Capitania Fluvial da Amazônia Ocidental também exercem importante papel de presença da Marinha na região. A Delegacia Fluvial de Porto Velho (RO) executa as atividades de Inspeção Naval e Ensino Profissional Marítimo na calha do Rio Madeira e seus afluentes, e a Agência Fluvial de Guajará-Mirim, na fronteira com a Bolívia, exerce atividade semelhante no Rio Mamoré e em toda a área sul do estado de Rondônia.

No estado do Amazonas, as outras cinco Agências Fluviais cobrem a maior parte da Amazônia Ocidental. A partir de Boca do Acre, a Agência Fluvial daquela cidade, banhada pelo Rio Purus, também atua no Rio Acre. Em 2008, foi construído um acesso no barranco degradado pela ação do Rio Purus, colocando as embarcações daquela Agência em atracadouro seguro para o acesso das tripulações e para o abrigo do rio.

A Agência Fluvial de Eirunepé (AM) exerce as atividades do SSTA no Rio Juruá, indo até a cidade de Cruzeiro do Sul, no Acre, área cuja importância já foi comprovada pela Marinha. A Agência de Eirunepé já atende ao limite ocidental do estado do Acre com cursos de qualificação e registro de embarcações. Dada a importância para a navegação fluvial nessa região, a cidade de Cruzeiro do Sul, com o apoio do governo do estado do Acre, poderá ser a sede de uma Agência Fluvial em um futuro próximo.

Em Tefé, no Rio Solimões, a Agência Fluvial já instalou, em 2007, a capacidade de pleno abastecimento de aguada para os navios de guerra, acabando com limitações antes existentes, e construiu uma sala de aula para o Ensino Profissional Marítimo (EPM), fato que garante maior facilidade na formação de aquaviários daquela cidade.

Em Itacoatiara e Parintins, no Rio Amazonas, as ações da Marinha para a Segurança do Tráfego Aquaviário são notadas pela população. As ações das Agências, em conjunto com os meios de Manaus, mereceram destaque nas operações de apoio aos navios ou embarcações que sofrem algum tipo de sinistro e nas ações que resultaram em índice zero de acidentes, como nos festivais folclóricos locais, onde o rio é por excelência a via de acesso disponível, a exemplo de Parintins e Manacapuru, locais onde ações da Marinha contribuem sobremaneira para a salvaguarda da vida humana.

Em todas essas organizações militares também há novo mobiliário para as atividades administrativas, assim como em todas as suas jurisdições ocorreram reformas ou aquisições de PNR.

MARINHA É DESTAQUE NAS OPERAÇÕES DA AMAZÔNIA

Os navios da Flotilha do Amazonas, em suas atividades de patrulha fluvial ou em atividades de assistência hospitalar, se destacam pela grande operacionalidade registrada. No ano de 2007, os oito navios registraram um total de 1.081 dias navegados nos rios, o que dá uma média de 135 dias por navio, sem considerar os períodos de afastamento para manutenção.

Os três navios de assistência hospitalar (*Oswaldo Cruz*, *Carlos Chagas* e *Doutor Montenegro*) também se destacaram em

2007 pelos mais de 213 mil atendimentos médico-odontológicos e farmacêuticos realizados nas comunidades do interior da Amazônia Ocidental, o que é equivalente, por exemplo, a toda a população residente de Presidente Prudente (SP), sem mencionar as limitações de acesso à informação e ao deslocamento geográfico que diferenciam a população daquele município das populações do interior da Região Norte. Tal fato foi enaltecido pelo ministro da Saúde, José Gomes Temporão, que, em 4 de julho do ano passado, assinou convênio entre aquele Ministério e a Marinha do Brasil, representada pelo comandante da Marinha, Almirante-de-Esquadra Julio Soares de Moura Neto, para o repasse de mais de 6 milhões de reais para as atividades de ASSHOP (assistência hospitalar) na Amazônia, onde os navios receberam a bela denominação de “Navios da Esperança”.





Os navios-patrolha fluviais (NPaFlu) se destacam quando atuam em operações combinadas com outras forças, a exemplo da realizada em agosto de 2007, denominada Solimões, e a de 2008, ampliada sob o nome de Poraquê, em que a Marinha esteve presente com grande capacidade operativa, sobressaindo para o ministro da Defesa, Nélson Jobim, por sua capacidade de apoio logístico móvel, ao deslocamento da Balsa-Oficina *Alecrim* e do Dique Flutuante *Almirante Jerônimo Gonçalves*, para realização de docagem fora de Manaus. Naquela ocasião, o Navio-Patrolha Fluvial *Pedro Teixeira*, com seus 64 metros de comprimento, foi docado no município de Novo Airão (AM). Esse fato mostrou publicamente a capacidade logística móvel da Estação Naval do Rio Negro, que já docara o Navio de Assistência Hospitalar (NasH) *Oswaldo Cruz*, no ano anterior, na cidade de Coari (AM).

Essa demonstração de amplo poder logístico foi a afirmação da capacidade de

apoio aos meios navais em Manaus, onde já foram realizados, desde 2007, os Períodos de Manutenção Geral (PMG) dos NPaFlu *Rondônia* e *Pedro Teixeira*, sem a necessidade de deslocamento dos navios para a Base Naval de Val-de-Cães, como acontecia anteriormente. Dessa capacidade resultam a ampliação da operacionalidade do meio e a economia nos direitos pecuniários dos militares, reduzindo também o período de ausência do seio de suas famílias.

Concomitante a esses períodos de manutenção e visando à ampliação de suas vidas úteis até o ano de 2020, também passaram por plena remotorização os navios-patrolha *Amapá*, *Roraima* e *Rondônia*, e as perspectivas agora são de remotorização dos NPaFlu *Pedro Teixeira* e *Raposo Tavares*.

APOIO AO PESSOAL DA MARINHA NA AMAZÔNIA OCIDENTAL

As atividades da Marinha do Brasil na Amazônia Ocidental não poderiam ser le-



vadas à frente sem cada militar e cada funcionário civil que se surpreende ao ver na aproximação de seu vôo de chegada a Manaus um amplo espaço preenchido apenas pelo verde-escuro da mata fechada e pelos tons acinzentados da água refletindo as nuvens que muitas vezes intermedeiam o espaço entre o céu e o espelho d'água amazônico.

Visando atender à demanda de saúde desses militares, foi inaugurada, em 29 de agosto de 2008, a nova Divisão de Odontologia, com um prédio totalmente novo dispo-ndo de dez consultórios, sala de prevenção da saúde bucal e sala de próteses, além dos compartimentos administrativos. A nova Divisão de Odontologia também conta com 23 cirurgiões-dentistas, sendo oito especializados, que atendem à família naval e guarnecem os navios da Flotilha do Amazonas.

A nova construção se abrigou no segundo andar do Ambulatório Naval de Manaus, que também já teve seus consul-

tórios reformados e encontra-se atualmente com 33 médicos em seu efetivo, destacando-se especialidades com grande demanda, como ginecologia, oftalmologia, ortopedia, cardiologia e pediatria.

Nas vilas navais, foram construídos no último ano dois prédios de 12 apartamentos, na Vila de Praças, e reformados mais 64 imóveis. Em 2008, será iniciada a construção de mais três prédios de 12 apartamentos na Vila Buriti e de um prédio de 18 apartamentos na cidade de Tabatinga, com previsão de conclusão em março de 2009. Foi reformado o prédio residencial da Vila Humaitá, com impermeabilização das estruturas, revestimento em cerâmica das escadas e corredores. Também se concluiu a pintura de todos os prédios de apartamentos da Vila Buriti, aproveitando o período de verão local.

Ainda em Manaus, foi criado o Centro de Facilidades na Vila Buriti, onde serviços terceirizados foram postos à disposição de moradores, como lavanderia, conserto de

roupas, hortifrúti, armarinho, sorveteria, lavanderia e cabeleireiro.

O Núcleo de Assistência Integrada do Pessoal da Marinha (N-SAIPM) realizou diversos convênios com entidades locais que oferecem facilidades e cursos para os dependentes de militares, como culinária, informática e música.

Os clubes de oficiais e praças tiveram os respectivos parques aquáticos reformados, e foram adquiridos novos equipamentos para as salas de ginástica. O Clube Cisne Branco também passou por troca geral de seu piso e inauguração de quatro churrasqueiras em alvenaria e dois fornos, sendo criado, assim, um espaço mais amplo e apropriado para que os militares e seus familiares se confraternizem. Da mesma forma, a Casa do Marinheiro de Tabatinga (Camata) também passou por ampla reforma, oferecendo maior conforto aos seus usuários.

Todas as ações da Marinha na Amazônia Ocidental são respaldadas por um bom relacionamento social entre a Marinha e a sociedade local, cuja parceria, mormente com a Soamar-Amazonas, tem ajudado no atendimento às demandas da Marinha, como, por exemplo, apoio à realização da Operação Parintins ou a doação de material para distribuição aos ribeirinhos.

O que a Marinha faz na Amazônia não é diferente do que é feito no resto do Brasil. Entretanto, as dificuldades de deslocamento e de acesso aos produtos, já que a forma mais rápida de chegada de bens em Manaus é por via aérea, provocam um encarecimento do custo de vida. Assim as distâncias amazônicas são prementes no planejamento da Marinha na região. Observa-se que a distância entre a cidade de Manaus (sede do Comando do 9º Distrito Naval) e Tabatinga, onde está situada uma Capitania Fluvial diretamente subordinada, é de



1.100 km em linha reta, ou seja, quase a mesma distância entre o Rio de Janeiro e Florianópolis ou entre o Rio e Brasília. Em termos amazônicos, isso corresponde a seis dias de navegação, subindo o Rio Solimões.

Este é, portanto, um pouco da Marinha do Brasil na Amazônia Ocidental, região da qual há muito mais para se escrever, mas que é lembrada apenas pelo lado exótico ou pelas disputas deflagradas entre grileiros e índios.

Mas a Amazônia também é uma região de marinheiros, que exercem papel fundamental para a proteção dos rios e se confi-

guram em importante presença do Estado brasileiro, cuja bandeira, hasteada nos mastros de combate dos nossos navios de guerra, chega aos mais distantes recantos. E

nossos marinheiros passam a conhecer novos brasileiros, a exemplo das comunidades situadas ao longo do Rio Curuçá, acessadas pela primeira vez pelo Navio de Assistência Hospitalar *Oswaldo Cruz*, durante operação no Vale do Rio Javari.

Esse é o retrato do Estado brasileiro, chegando, por meio da Marinha do Brasil, a todos os seus cidadãos da Amazônia Ocidental.

A Amazônia também é uma região de marinheiros, que exercem papel fundamental para a proteção dos rios e se configuram em importante presença do Estado brasileiro

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<FORÇAS ARMADAS>; Marinha do Brasil; Amazônia; Navio-patrolha;

HISTÓRIA DA NAVEGAÇÃO

Pertencente ao Espaço Cultural da Marinha, há um setor dedicado à evolução do domínio humano sobre as águas, desde os mais usados meios primitivos até os gigantescos petroleiros modernos.

Há também uma exposição sobre a técnica da ciência náutica, mostrando o progressivo aperfeiçoamento dos métodos utilizados para obter-se a posição das embarcações no mar, dando ênfase especial à ação dos navegadores portugueses. Estimulados e dirigidos pelo Infante Dom Henrique, criaram novos tipos de embarcações, tábuas e instrumentos para o cálculo da latitude no mar e cartas náuticas posicionando, o mais corretamente possível, os acidentes descobertos e o desenho das costas avistadas.

Todo esse conhecimento pode ser obtido visitando o Espaço Cultural da Marinha, aberto de terça-feira a domingo das 12h às 16h45, localizado à Av. Alfred Agache s/n, Praça XV.

